

Celebrar para preservar: a Festa da Colônia de Gramado

Celebrate in order to preserve: the “Festa da Colônia” (The Colony Festival) in Gramado

Natashe Carolina Kich
Luiz Antonio Gloger Maroneze

Resumo: Considera-se a Festa da Colônia — um dos grandes eventos de Gramado — como única quando se trata de festa popular, pois integra habitantes rurais e urbanos com turistas em uma mesma celebração. Atualmente, em meio à globalização, de um lado há uma tendência à homogeneização das culturas, e de outro, uma corrente de valorização das culturais locais. Por meio do estudo de caso da Festa da Colônia, observa-se de que maneira um evento como esse atua nas questões culturais, sociais e econômicas das comunidades do interior do município. Na metodologia, utilizaram-se a pesquisa bibliográfica, por meio de autores, como Hall (2002), Geertz (1978), Canclini (1982), Barretto (2000), e a realização de entrevistas qualitativas com integrantes da comunidade rural, moradores da cidade de Gramado, autoridades e turistas.

Palavras-chave: Festa da Colônia, identidade, globalização, festas populares, turismo

Abstract: *The Colony Festival is considered one of the greatest events in Gramado. It's unique when talking about popular feasts, for it integrates rural and urban inhabitants as well as tourists in the same celebration. Today, with the globalization, on one hand, there is a tendency of cultures homogenization, and on the other hand, a stream of valorization of local cultures. Through the study of Colony Festival itself, one can observe how an event such as this one takes place in cultural, social and economic issues of the countryside of a city. Talking methodologically, we make use of a bibliographic research, through the writings from authors such as Hall (2002), Geertz (1978), Canclini (1982), Barretto (2000), and the qualitative interviews with rural community members, Gramado's citizens, authorities and tourists.*

Key words: *Festa da Colônia (Colony Festival), identity, globalization, popular parties, tourism*

1.Introdução

Na Festa da Colônia de Gramado, as comunidades do interior são as grandes protagonistas. Trata-se de uma festa popular, alicerçada em três eixos: a manutenção da identidade do agricultor, a preservação de usos e costumes herdados e o entrosamento estabelecido com o visitante.

No mundo globalizado, dominado pelos meios de comunicação, e, para muitos teóricos, em que as identidades estão-se tornando homogêneas, eventos que promovam a afirmação da identidade, da cultura, dos costumes e da memória das comunidades locais se tornam muito importantes para a conscientização da própria comunidade.

O antropólogo Clifford Geertz (1978) trabalha com um conceito fundamentalmente semiótico, pois afirma que o homem é um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo teceu. Ele admite a cultura como sendo essas teias e, em sua análise, portanto, a cultura é uma ciência interpretativa, em busca de significado. Assim a define:

[...] a cultura é padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida (GEERTZ, 1978, p. 103).

As festas populares são realizadas para comemorar um acontecimento que está intimamente ligado às tradições de determinado grupo. A organização desses festejos é feita pela própria comunidade e/ou com a participação efetiva dela. Assim, o acontecimento está de acordo com os símbolos do lugar, compondo e preservando a identidade local.

Macedo (1986, p. 184 *apud* GASTAL, MACHIAVELLI e GUTERRES, 2013, p. 437) destaca que é na festa que se “cimenta o sentimento coletivo” e torna-se uma dimensão da vida. De acordo com o autor, as festividades colaboram para

que se promova o sentimento especial de estar junto e configure-se o espaço social privilegiado do episódio extraordinário. As festas são uma forma de expressão e afirmação de valores. Nelas, está presente o empenho de construção de uma imagem que é a representação da visão ideal do grupo.

No presente trabalho, faz-se uma breve explanação sobre as festas populares e o turismo, apresenta-se o contexto em que elas estão inseridas e apresenta-se a Festa da Colônia de Gramado e sua contribuição na dinâmica cultural das comunidades do interior.

2. Festas e turismo

As festas populares fazem parte do turismo cultural que, segundo Marcos Conceituais do Turismo, compreende “as atividades turísticas relacionadas com vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura” (WWW.TURISMO.GOV.BR).

Flores (1997) explica que as festas normalmente são caracterizadas pela repetição, pela peculiaridade em reunir a coletividade e pelo momento de exacerbação da vida social. Para ela, as festas podem ser o local de conflitos, exclusões, controle, disciplina, educação e reforma do povo, e, também, forma de resistir a esses acontecimentos.

Já para o autor Néstor Canclini (1982), a festa resume a totalidade da vida de cada comunidade, sua organização econômica e suas composições culturais, suas relações políticas e suas propostas de mudanças. O autor acredita que a festa não é um tempo e lugar opostos ao cotidiano, apesar de a festa, num sentido fenomênico, apresentar certa descontinuidade e excepcionalidade.

Afirma Canclini (1982, p. 54):

As festas camponesas, de raízes indígenas, coloniais, e ainda festas religiosas de origem recente são movimentos de unificação comunitária para celebrar acontecimentos ou crenças surgidos da sua experiência cotidiana com a natureza e com outros homens (quando nascem da iniciativa popular) ou *impostos* (pela Igreja ou pelo poder cultural) para comandar a representação das suas condições materiais de vida. Associadas com frequência ao ciclo reprodutivo, ao plantio e à colheita, são [as festas] um modo de elaborar simbólico e às vezes de se apropriar materialmente do que a natureza hostil e a sociedade injusta lhes nega, celebrar este dom, recordar e reviver a maneira como o receberam no passado, buscar e antecipar sua chegada futura. Quer festejem um fato recente ou comemorem eventos longínquos e míticos, o que motiva a festa está vinculado à vida comum do povo.

Para o autor (1982), a festa é um momento no qual a sociedade penetra mais profundamente em si mesma, naquilo que eventualmente lhe escapa, para compreender-se e restaurar-se.

O turismo é colocado atualmente como uma maneira de promover a harmonia entre os mais diversos povos. Apesar de não haver um consenso em sua definição, adota-se aqui a recomendada pela OMT — Organização Mundial do Turismo — em que se pode ler: “as atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e permanência em lugares distintos dos que vivem, por um período de tempo inferior a um ano consecutivo, com fins de lazer, negócios e outros”.

Getz (2001 *apud* BRADACZ e NEGRINE, 2006) escreve sobre o evento turístico e o dilema da autenticidade; quando as comunidades definem o que é importante para elas e tomam o controle do processo de troca com turistas e visitantes e a indústria turística, a autenticidade pode ser preservada. Para o autor, a autenticidade é um produto da comunidade, portanto a definição deve estar sujeita a ela.

Gastal, Machiavelli e Guterres (2013, p. 438) asseveram que, do ponto de

vista turístico, festas tornaram-se importantes como atrativos que promovem a mobilização de turistas e visitantes, além de cooperar com a qualificação da imagem dos lugares em que se realizam. Na sociedade globalizada, além dos benefícios econômicos, o turismo pode auxiliar na valorização da cultura local.

Para Barreto *et al.* (2001), o contato entre turistas e residentes, entre a cultura do turista e a cultura dos moradores, desencadeia um processo de contradições e questionamentos, mas que acaba provocando o fortalecimento da identidade e da cultura dos sujeitos e da sociedade receptora, na maioria das vezes, e, ainda, do próprio turista que se redescobre na alteridade.

Por meio das observações da pesquisadora, na edição de 2015 da Festa da Colônia, e também em outras edições em que ela esteve presente como participante, percebe-se que a Festa é celebrada efetivamente pelas comunidades do interior e pela população da cidade. Os turistas participam, mas são figurantes no evento.

3. O contexto: um mundo globalizado

O conceituado autor Stuart Hall (2002, p. 67) cita Anthony McGrew (1992) que assevera que a “globalização” refere-se aos processos atuantes numa escala global, que cruzam as fronteiras nacionais, agregando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e experiência, mais interconectado. Esse processo agiria no sentido de criar novas dinâmicas identitárias, atuando, por exemplo, nas dinâmicas das festas e suas atualizações.

Urry (2001, p. 118) informa que a pós-modernidade abrange uma dissolução das fronteiras, não somente entre a alta e a baixa cultura, mas também entre distintas formas culturais, tais como a arte, o turismo, a educação, a fotografia, a televisão, a música e as compras. Para ele, a era da

comunicação de massa transformou também o próprio olhar do turista.

Afirma Urry (2001, p. 118):

[...] o olhar do turista é, intrinsecamente, parte da experiência contemporânea, da pós-modernidade, mas as práticas turísticas que ele suscita passam por rápidas e significativas mudanças. Tais mudanças não podem ser separadas dos desenvolvimentos estruturais e culturais da sociedade contemporânea e que apresentam maior amplitude.

De acordo com Jost Krippendorf (2000, p. 73), o turismo é muito associado a uma finalidade política: ele deve colaborar para o reconhecimento das diferenças econômicas que separam as regiões urbanas e industrializadas das regiões rurais agrícolas. Segundo o autor, a única forma de parar o êxodo rural é melhorar as condições de vida das comunidades nas quais a agricultura não garanta rendas suficientes, a indústria não se implante em razão de uma localização desfavorável e não haja mais a vender senão a própria paisagem.

4. A Festa da Colônia de Gramado

O atual município de Gramado, no Rio Grande do Sul, começou a ser povoado em 1875, com a chegada dos primeiros habitantes, descendentes de portugueses, que se estabeleceram onde hoje está localizado o núcleo central e a Linha 28. Entre o final do século XIX e o início do século XX, chegaram os imigrantes alemães e italianos ao município. (PREFEITURA MUNICIPAL DE GRAMADO, 1987, p. 25).

As pequenas propriedades rurais fazem parte da história de Gramado e até hoje são relevantes para a economia do município.

A Festa da Colônia, de acordo com a organização do evento, está alicerçada em três eixos: o primeiro é a manutenção da identidade do agricultor; o segundo é a preservação de usos e costumes herdados; e o último é o entrosamento que se estabelece com o visitante. Toda a Festa é pensada e realizada em função desses eixos. Para a manutenção da identidade do agricultor, pode-se citar o Desfile das Carretas como um grande atuante nesse sentido. É o momento de afirmação e orgulho de ser colono, de mostrar e valorizar o cotidiano. O contato com os moradores da cidade e os turistas influencia nas questões identitárias, em função da relação de alteridade estabelecida. Ao conhecerem o outro, passam a conhecer a si mesmos e afirmar as próprias identidades.

A preservação de usos e costumes herdados é apresentada principalmente pelos elementos étnicos que estão inseridos no evento, como os jogos rurais, os restaurantes com comidas típicas, o museu, as danças folclóricas. Os Projetos Escolinha Rural, Cozinha da Nonna e Abrindo o Baú também reforçam os usos e os costumes, sempre presentes nos relatos, fazeres e nas receitas elaboradas nesse espaço. Já o entrosamento com o visitante é um momento muito rico culturalmente, pois além de afirmar as identidades, tanto do agricultor como do turista, promove a oportunidade de troca de conhecimentos e costumes. Esse contato é muito apreciado por ambas as partes: o agricultor sente-se valorizado e honrado em conversar com pessoas das mais diversas culturas, e os turistas estimam a oportunidade de conhecerem descendentes dos primeiros moradores de Gramado, que ainda vivem no campo e mantêm muitos hábitos preservados.

Segundo Bradacz e Negrine (2006), o início da Festa da Colônia de Gramado foi uma festa organizada pelos agricultores em 1984, na Linha Bonita, zona rural do município. Autoridades de Gramado compareceram à festividade. Essa festa foi um sucesso e surpreendeu até mesmo os idealizadores. O objetivo

principal era proporcionar um momento festivo e de confraternização para os agricultores e seus familiares.

Bradacz e Negrine (2006, p. 51) escrevem:

Sabe-se que muitas dessas confraternizações ainda ocorrem no meio rural, com os mesmos objetivos, e se destinam aos agricultores e seus familiares. Todavia, a Festa das Frutas, como foi denominada em 1984, mostrou ao Poder Público que ali havia culturas que deveriam ser preservadas e prestigiadas, com significados simbólicos próprios e originalidade já pouco vista na atualidade.

A I Festa da Colônia de Gramado ocorreu de 5 a 13 de janeiro de 1985, como cenário da XI Festa das Hortênsias, realizada de 15 de dezembro de 1984 a 13 de janeiro de 1985. De acordo com Bradacz e Negrine (2006), foi a primeira vez que os pequenos produtores rurais do município comercializaram seus produtos nessa festa já tradicional no calendário turístico de Gramado. Cenários que lembravam o ambiente colonial foram montados no Pavilhão de Esportes, ao lado do prédio da Prefeitura Municipal. Segundo os autores, no local foram construídos nove fornos para assar pães e cucas, comercializados durante a festa. Dessa forma, estava-se vinculando a cultura da colônia com o turismo, já que a Festa das Hortênsias era um atrativo turístico da cidade.

Ainda segundo Bradacz e Negrine (2006), dois acontecimentos contribuíram para que os colonos comesçassem a divulgar sua cultura no meio urbano. Por um lado, havia a necessidade do Poder Público de inovar a Festa das Hortênsias, que estava enfraquecendo, e até aquele momento não se tinha contato com os agricultores do município. Por outro lado, a grande sensibilidade do prefeito na época, Pedro Henrique Bertolucci, em promover o homem do interior.

As origens da Festa da Colônia, nas pesquisas feitas por Bradacz e Negrine (2006), apresentam versões distintas. Os objetivos primordiais dos colonos eram ampliar a comercialização de seus produtos e melhorar a renda

familiar. Já o Poder Público colocou a colônia como cenário da festa para ver qual seria a consequência dessa exposição ante a população da cidade.

A Segunda Festa da Colônia realizou-se em 1986, quando o evento se tornou independente. Na programação, estavam inclusas opções gastronômicas, campeonatos de jogo de mora e de bocha de quadra, concurso de cantorias, apresentações musicais, grupos folclóricos e entrega de troféus dos concursos realizados no decorrer da festa. De acordo com Bradacz e Negrine (2006), a festa foi um sucesso e passou a integrar o calendário turístico da região.

Os objetivos dos colonos que participaram pela primeira vez do evento, segundo as pesquisas de Bradacz e Negrine (2006), eram ampliar a comercialização de seus produtos e aumentar a renda familiar. Já a administração municipal colocou a colônia como cenário da Festa das Hortênsias para ver qual seria a reação da população urbana.

Atualmente, os objetivos mais perceptíveis da Festa são a valorização da cultura das comunidades do interior, a visibilidade da produção agrícola do município e a interação entre colonos, gramadenses e turistas.

A partir de 1986, a organização da Festa ficou a cargo da Administração Pública. A Secretaria do Turismo foi designada para organizar e executar o evento. De acordo com Alexandre Meneguzzo, vice-presidente da Comissão Organizadora da Festa, realizam-se reuniões estratégicas com os colonos, em que seus pedidos e sugestões são ouvidos. No evento, não há cobrança de ingressos. Em dezembro de 2012, por meio da Lei n.º 3.066/2012, a cidade de Gramado constituiu a primeira Autarquia de Turismo e Cultura do Sul do País, com o objetivo de dinamizar e ordenar as ações do turismo e cultura na cidade. Todos os grandes eventos passaram a ser de responsabilidade dela. Desde 2013, a gestão da Festa da Colônia é de competência da Gramadotur, que, por meio de seu presidente, nomeia a Comissão Organizadora do evento,

que inclui representantes de Secretarias Municipais, da EMATER e também de voluntários; todos com algum envolvimento no interior do município.

Hall (2002, p. 75) explica que, quanto mais a vida social é permeada pelo mercado global de lugares, pelas imagens da mídia, entre outros, mais as identidades se tornam desvinculadas de tempos, lugares, histórias e tradições.

Getz (2001 *apud* BRADACZ e NEGRINE, 2006) escreve sobre o evento turístico e o dilema da autenticidade — quando as comunidades definem o que é importante para elas e tomam o controle do processo de troca com turistas e visitantes e a indústria turística, a autenticidade pode ser preservada. Para o autor, a autenticidade é um produto da comunidade, portanto a definição deve estar sujeita a ela.

Alexandre Meneguzzo, extensionista da EMATER/RS-ASCAR e vice-presidente da Comissão Organizadora do evento, questionado sobre o significado da Festa, respondeu:

— Representa o auge da vida rural de Gramado, o que vem ao encontro dos princípios do meu desempenho na EMATER/RS-ASCAR. Nos realiza [sic] ao ver que meros agricultores se tornam protagonistas de algo elevado, que os coloca em sintonia com o mundo, aumentando a sua autoestima e a renda das famílias. Poderia ser também um momento em que a cidade olha para as suas origens rurais e pode ver aí algo bonito que a faça repensar e desacelerar, no bom sentido [Informação verbal].

A pesquisadora realizou uma série de entrevistas com agricultores, moradores da cidade de Gramado e turistas na 25.^a edição do evento, realizada de 16 de abril a 3 de maio de 2015.

Questionado sobre o que a Festa significa para ele, o sr. Ildo Sartori cita a importância do contato com as pessoas, pois dessa forma adquiriu mais coragem para conversar e poder perceber que elas não são “bichos de sete cabeças”. O contato com os turistas foi citado em diversos depoimentos.

— Além dessa oportunidade de trazer os produtos, seria

também a tradição, né, principalmente a italiana e a alemã, que são os dois mais fortes que a gente tem no interior. Oportunidade de trazer essa tradição, principalmente aos turistas, mas que todo mundo tenha também a oportunidade de conhecer; é bem diversificado as pessoas que visitam: são de diversos lugares, Nordeste, centro... então o que mais agrada é esse convívio de pessoas diferentes, culturas diferentes [Informação verbal]¹

Os turistas também demonstraram grande interesse em manter contato com as comunidades do interior do município. Observe-se este depoimento:

— Esse contato com os colonos, isso é diferente para a gente né. A oportunidade de conversar com as pessoas, conversamos com o pessoal das padarias, ficamos sabendo de algumas coisas, isso é muito interessante né. [...] Eles [colonos] gostam de falar do trabalho deles, têm orgulho disso. A gente aprende muito com eles, hoje a gente viu a pinha, a pinha aberta, como é o pinhão, quer dizer, a gente aprendeu tudo isso com eles, eles pegaram e mostraram, isso é muito interessante. Essa mistura de cultura das colônias dá muita curiosidade. Conversar com eles é muito bom, ah nós conversamos com uma senhorinha ali na padaria, nossa ela conta tudo, como faz... é tão bom isso. E para a gente é importante também saber como é a vida deles, porque a gente não tem essa ideia [...] [Informação verbal]².

¹ Ildo Sartori, 59 anos, agricultor, morador da Linha Furna, expositor da Festa da Colônia.

² Maria Lúcia Diniz Hammerli, 62 anos, médica, moradora da cidade de Niterói/RJ.

**Imagem 1: Integração entre comunidade e turistas, 25.^a Festa da Colônia de
Gramado, 2015**



Fonte: Autora.

Weber expõe que o “estilo de vida” do colono vem-se alterando (2006, p. 227). Em Gramado, a Festa da Colônia e os roteiros de agroturismo são como agentes de mudança na maneira de viver dos colonos, com mais interação entre culturas, além de melhoria de condições econômicas. Por meio da Festa, os colonos sentem-se estimados, têm as identidades afirmadas, deixam de ser tímidos e passam a impor as próprias opiniões.

Grande geradora de renda para as comunidades, a Festa da Colônia demanda uma grande preparação dos pequenos produtores rurais. Além da renda, o cuidado dos colonos em atender bem os clientes e conquistá-los tem tornado os produtos cada vez mais qualificados. Muitos visitantes compram

produtos e, quando retornam à cidade, procuram os colonos para adquirirem-nos novamente, buscando-os, muitas vezes, nas casas dos agricultores. Assim, o agroturismo é impulsionado, visto que muitos começam a preparar suas propriedades de forma a atrair mais visitantes.

Imagem 2: Feira de Produtos Artesanais e Coloniais, 25.^a Festa da Colônia de Gramado, 2015



Fonte: Autora.

Barretto (2000, p. 46) escreve:

Manter algum tipo de identidade — étnica, local ou regional — parece ser essencial para que as pessoas se sintam seguras, unidas por laços extemporâneos a seus antepassados, a um local, a uma terra, a costumes e hábitos que lhes dão segurança, que lhes informam quem são e de onde vêm, enfim, para que não se percam no turbilhão de informações, mudanças repentinas e qualidade de estímulos que o mundo atual oferece.

A Festa da Colônia opera como afirmadora das identidades — étnicas e locais — auxiliando as comunidades a manterem os laços com o passado, fortificando a ligação com a terra e o contato com novos grupos sociais.

Imagem 3: Desfile de Carretas, 25.ª Festa da Colônia de Gramado, 2015



Fonte: Autora.

Barretto (2000, p. 49) escreve que, do ponto de vista das comunidades receptoras, as culturas não são estáticas, e a identidade dos povos e das pessoas altera-se no decorrer do tempo. Nessa perspectiva, há o consentimento de que conservar a identidade local é tentar evitar o processo normal pelo qual pessoas e sociedades evoluem. Mas o turismo com base no legado cultural comporta que se mantenha, em lugar determinado, certo período do tempo que deu origem a essa comunidade. Para a autora, o turismo cultural permite que a comunidade, de alguma forma, esteja engajada no processo de recuperação da memória coletiva, de reconstrução histórica, de verificação das fontes. Permite, até mesmo, que muitos membros da comunidade adquiram, pela primeira vez, consciência do papel que a cidade ou a localidade representou em determinado cenário e em determinada época.

Woodward (2000, p. 17) escreve que a representação compreende as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os

significados não produzidos colocam-se como sujeitos. É com base nos significados determinados pelas representações que se dá sentido à experiência e àquilo que se é. Afirma a autora que se pode até mesmo indicar que esses sistemas simbólicos tornam possível o que se é e o que é possível se tornar. A representação, entendida como um processo cultural, institui identidades individuais e coletivas, e os sistemas simbólicos nos quais ela está fundamentada fornecem possíveis respostas a questões: Quem sou eu? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação estabelecem os lugares por meio dos quais os indivíduos podem posicionar-se e com base nos quais podem exprimir-se.

Hall (2002, p. 69) aponta três possíveis consequências da globalização nas identidades culturais: a desintegração delas como consequência do crescimento da homogeneização cultural e do “pós-moderno global”; o avigoramento de identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas pela resistência à globalização; e o declínio das identidades nacionais, enquanto novas identidades — híbridas — estão tomando seu lugar.

Analisando essas consequências, é possível afirmar que a Festa da Colônia de Gramado funciona como um mecanismo para fortalecer a identidade local ante a globalização. Em cidades como Gramado — que recebe turistas de diversas partes do País e do exterior —, um evento como esse opera de forma significativa para que as origens do município não se percam em meio ao choque de culturas e ao avanço da atividade turística.

5. Considerações finais

Durante as 25 edições, a Festa da Colônia de Gramado evoluiu de cenário da extinta Festa das Hortênsias para um dos principais eventos da cidade — e o mais querido pela população. Atualmente, a Festa é financiada pela Lei Rouanet

e pela LIC — Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul — e recebe patrocínios de diversas empresas que vão desde os empreendimentos locais aos de grandes multinacionais. Vale lembrar que os colonos participam efetivamente da Festa e de sua organização, por meio da intermediação da Comissão Organizadora do evento.

Compreende-se que a Festa da Colônia foi a grande propulsora dos roteiros de agroturismo, inserindo o interior na atividade turística do município, gerando renda e possibilitando aos colonos o contato tão valorizado com turistas. Outro grande legado da Festa foi a Casa do Colono, local onde são comercializados produtos das mais diversas localidades do município, e os Fornos, onde as comunidades vendem seus assados. Ambos estão localizados na praça das Etnias, na área central da cidade.

A Festa difere de outros eventos do mesmo gênero por alguns aspectos que são, ao olhar da pesquisadora, muito positivos, como as apresentações musicais que condizem com a proposta do evento, das quais não participam bandas de gêneros musicais que destoam do universo colonial. Os produtos comercializados são frutos do trabalho dos colonos e geram inúmeros benefícios econômicos para eles. Assim, considera-se que a Festa da Colônia de Gramado é uma verdadeira festa popular, pensada e celebrada pelo homem do interior. O evento mantém seus eixos — a manutenção da identidade do agricultor, a preservação dos usos e costumes herdados e o entrosamento que se estabelece com o visitante — apesar de toda a influência recebida em função da globalização e da própria atividade turística.

Um evento como a Festa da Colônia é um alento para o fortalecimento da identidade e da memória não só dos colonos, mas de todo o município de Gramado, que tem no interior suas origens.

6. Referências

BARRETTO, Margarita. **Turismo e legado cultural**: as possibilidades do planejamento. 5. ed. Campinas: Papirus, 2000.

_____; BANDUCCI, Álvaro Jr. (Orgs.). **Turismo e identidade local**. Campinas: Papirus, 2001.

BRADACZ, Luciane; NEGRINE, Airton. **Cultura, lazer e turismo**: a Festa da Colônia de Gramado/RS. Ed. dos autores. Porto Alegre: EST Edições, 2006.

CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. **Oktoberfest**: turismo, festa e cultura na estação do *chopp*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997 (Col. Teses).

GASTAL, Susana de Araújo; MACHIAVELLI, Mariana Schwaab; GUTERRES, Liliene Staniscuaski. Festa temática: da tradição à modernidade. **Turismo em Análise**, vol. 24, n.º 2, p. 432-458, ago. 2013. Disponível em: www.turismoemanalise.org.br/turismoemanalise/article/view/302. Acesso em: 15 jan. 2015.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. São Paulo: Zahar, 1978.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2000.

PREFEITURA MUNICIPAL DE GRAMADO. **Gramado simplesmente Gramado**. Gramado, [s.n.], 1987.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO. **Marcos conceituais do turismo**.

Disponível em:

http://www.turismo.gov.br/turismo/programas_acoes/regionalizacao_turismo/e_struturacao_segmentos/turismo_cultural.html. Acesso em: 25 maio 2015.

WEBER, Roswithia. **Mosaico identitário**: história, identidade e turismo nos municípios da Rota Romântica, Porto Alegre, 2006. Tese (Doutorado em

História) — Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart; _____. (Orgs.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Natashe Carolina Kich

Mestre em Processos e Manifestações Culturais (FEEVALE), Especialista em Produção Cultural (Castelli), Bacharel em Turismo (FEEVALE).

E-mail: natashecarolina@gmail.com

Luiz Antonio Gloger Maroneze

Doutor em História (PUCRS), Mestre em História (PUCRS), Graduado em História (PUCRS). Professor Adjunto na Universidade Feevale.

E-mail: luizmaroneze@feevale.br
